SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO LETRAS LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA (L2) PARA SURDOS

JOSÉ ALDENY COSTA DA PAIXÃO

A LÍNGUA DE SINAIS EMERGENTE COMO MEDIADORA NO PROCESSO SOCIOEDUCACIONAL DE UMA PESSOA SURDA

Belém - Pará
2017

JOSÉ ALDENY COSTA DA PAIXÃO

A LÍNGUA DE SINAIS EMERGENTE COMO MEDIADORA NO PROCESSO SOCIOEDUCACIONAL DE UMA PESSOA SURDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Libras e Língua Portuguesa como segunda língua (L2) para surdos como requisito parcial para a obtenção de diploma de Licenciado em Letras – Libras e Língua Portuguesa como segunda língua (L2) para surdos.

Orientador: Prof. Esp. Eder Barbosa Cruz

Belém - Pará
2017

JOSÉ ALDENY COSTA DA PAIXÃO

A LÍNGUA DE SINAIS EMERGENTE COMO MEDIADORA NO PROCESSO SOCIOEDUCACIONAL DE UMA PESSOA SURDA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado na Graduação em forma de Artigo Acadêmico para obtenção de diploma de Licenciado no Curso de Letras Libras e Língua e Portuguesa como segunda língua para surdos da Universidade Federal do Pará, sob a orientação do Prof. Esp. Eder Barbosa Cruz.

Avaliado em: 28/03/2017

Conceito: _____

Banca Examinadora:

_____
Prof. Esp. Eder Barbosa Cruz - Orientador
Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação – ILC

_____
Prof. Me. Huber Kline Guedes Lobato - Membro da Banca
Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação – ILC

_____
Prof. Walber Gonçalves de Abreu - Membro da Banca
Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação – ILC

Belém - Pará
2017

A LÍNGUA DE SINAIS EMERGENTE COMO MEDIADORA NO PROCESSO SOCIOEDUCACIONAL DE UMA PESSOA SURDA

José Aldeny Costa da Paixão[1]

Resumo: As discussão sobre a educação bilíngue para surdos avançou muito nas últimas décadas. No entanto, as escolas ainda não conseguem oferecer um ambiente bilíngue onde a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa como segunda língua (l2) possam ser as línguas de instrução desde as séries iniciais. Diante disso, o objetivo deste artigo é investigar como se deu o processo educacional de uma pessoa surda que não teve a Libras como primeira língua, baseado nas perspectivas da educação bilíngue e do direito da inclusão dos alunos surdos no sistema regular de ensino. Para isso, foi feito um estudo de caso e por meio de observações foram coletados dados com a complementação de entrevista com os participantes. Os resultados demonstraram que a participante surda deste estudo teve acesso a um ambiente bilíngue, onde a língua mediadora foi uma língua de sinais emergente criada por ela, e que serviu de base para a aquisição da Libras e do Português l2 de forma mais eficaz. Com isso, pudemos concluir que as propostas de inclusão e de educação bilíngue para surdos, ainda necessitam de muita reflexão para, de fato, conseguirem atender as reais necessidades desses alunos.

Palavras-chave: Bilinguismo; Línguas de Sinais Emergentes; Libras; Português l2.

Abstract: The discussion on bilingual education for the deaf has advanced a lot in recent decades. However, the schools still cannot offer a bilingual environment in which the Brazilian Sign Language (Libras) and the Portuguese Language as a second language (l2) can be the languages of instruction since the initial grades. The purpose of this article is to investigate the educational process of a deaf person who did not have Libras as her first language, based on the perspectives of bilingual education and the right to include deaf students in the regular system of education. For this, a case study was made and through observations data were collected with the complementation of interview with the participants. The results demonstrated that the deaf participant of this study had access to a bilingual environment, where the mediator language was an emerging sign language created by her that served as the basis for the acquisition of Libras and Portuguese l2 more effectively. Thus, we concluded that proposals for inclusion and bilingual education for the deaf still need a lot of reflection in order to actually meet the real needs of these students.

Key words: Bilingualism; Emerging Sign Languages; Libras; Portuguese l2.

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre a educação bilíngue para surdos avançou muito nas últimas décadas. No entanto, as escolas ainda não conseguem oferecer estrutura básica de ensino para

[1] Graduando do Curso de Letras Libras e Língua Portuguesa como segunda língua para surdos, da Universidade Federal do Pará. E-mail: aldenypaixao@gmail.com

receber esses alunos e, principalmente, proporcionar-lhes um ambiente bilíngue onde a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa possam ser, conforme a legislação, as línguas de instrução desde as séries iniciais. As dificuldades encontradas são muitas e uma delas é a falta de qualificação do professor e dos demais profissionais da escola para assegurar ao aluno surdo um ambiente bilíngue.

Esse panorama nos leva a ressaltar que, frequentemente, é somente no âmbito familiar que o surdo encontra a base para o seu desenvolvimento pessoal, linguístico e intelectual. É junto à família que ele encontra todos os pressupostos iniciais de conhecimento de mundo, bem como é da família que parte a preparação para o enfrentamento das barreiras impostas pela sociedade. As relações interpessoais dentro da família são, muitas vezes, o alicerce para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo surdo, principalmente quando a família aceita sua surdez e passa a trabalhar em parceria para buscar a melhor maneira de incluí-lo na sociedade ouvinte. É também, no seio familiar que as crianças surdas, quando não têm acesso à Libras, criam suas próprias línguas de sinais para suprir sua necessidade de comunicar com o mundo. Fusellier-Souza (2004) denomina essas línguas de Línguas de Sinais Emergentes (LS EMG) e diz tratar-se de sistemas linguísticos plenos. Pois segundo ela a LS EMG são línguas espaço-visuais, pois usam o espaço e visão para estabelecimento da comunicação. Essas línguas apresentam sistemas linguísticos independentes das línguas orais, ou seja, são línguas naturais se estabelecem em meio a uma comunidade surda que as utilizam para comunicar-se.

Diante disso, pensamos que é necessário refletir a respeito da educação bilíngue para os surdos que não têm a Libras como primeira língua e chegam às escolas comunicando por meio de LS EMG. Acreditamos que a escola precisa conhecer melhor o aluno surdo, sua estrutura familiar, sua forma de comunicar, suas crenças e a partir disso, buscar a estratégia de ensino mais adequada às suas reais necessidades. A motivação para tratar desta temática partiu de uma experiência pessoal, vivenciada pelo autor deste artigo, a partir do convívio familiar com uma pessoa surda que não teve contato com a Libras durante a primeira infância e que, por isso, criou sua própria língua de sinais.

A partir disso, realizamos o presente estudo de caso, cujo objetivo foi investigar como se deu o processo educacional de uma pessoa surda que não teve a Libras como primeira língua, baseado nas perspectivas da educação bilíngue e do direito da inclusão dos alunos surdos no sistema regular de ensino. Para tanto, primeiro nos propusemos a fazer uma reflexão acerca da educação bilíngue para surdos (QUADROS, 2010; SANTOS, 2013;

ROSA, 2013; MOURA; VIEIRA, 2011). Em seguida, tratamos das LS EMG (FUSELLIER-SOUZA, 2004; TEIXEIRA; CERQUEIRA, 2004) e estabelecemos o lugar que essas línguas podem ocupar no processo socioeducacional dos surdos. A partir desse referencial teórico, realizamos nossa análise dos dados. E por fim, fizemos nossas considerações finais a respeito da temática levantada nesta pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste tópico iremos discutir sobre a Educação Bilíngue para surdos; sobre a Língua de Sinais Emergentes (LS EMG); sobre o lugar da LS EMG na educação bilíngue de Surdos.

2.1 Educação Bilíngue de surdos

O Bilinguismo tem como pressuposto básico a necessidade de o surdo ser bilíngue (SANTOS, 2013), ou seja, ele deve adquirir a língua de sinais como primeira língua (l1) e a língua vocal utilizada em seu país como segunda língua (l2). Essas duas línguas não devendo ser utilizadas simultaneamente para que suas estruturas sejam preservadas. Para Quadros (2010, p.1)

> O bilinguismo, num sentido estrito, é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. No entanto, o reconhecimento dos surdos enquanto pessoas surdas e da sua comunidade linguística estão inseridos dentro de um conceito mais geral de bilinguismo.

Essa autora defende que o Bilinguismo é uma política de ensino que atinge uma gama de valores, pois os estudos direcionam-se para um conhecimento amplo da cultura surda, e que esse processo é basilar para promover a inter-relação da pessoa surda com a sociedade ouvinte. O Bilinguismo para surdos atravessa a fronteira linguística e inclui o desenvolvimento da pessoa surda dentro da escola e fora dela, envolvendo uma perspectiva inclusiva tanto no ambiente escolar, quanto no fora dele. Por isso, Santos (2013 *apud* GOLDFELD, 1997) afirma que "os autores ligados ao bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas[2] e da Comunicação[3] Total. Para os bilinguistas,

[2] [...] Oralismo é uma abordagem que visa à integração da criança surda na comunidade ouvinte, enfatizando a língua oral do país (GOLDFELD, 1997).

o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez". No Bilinguismo, a surdez começa a ser concebida como uma experiência visual; para tanto é necessário olhar para o surdo como alguém que possui uma lógica própria de interação social e que faz parte de uma cultura bastante específica.

A educação bilíngue de surdos no Brasil está amparada pela legislação e é recomendada pelo Ministério Nacional da Educação, como uma proposta válida e eficaz para o ensino das duas línguas reconhecidas pelo país, Língua Portuguesa e Libras, necessárias para a inclusão social efetiva destes sujeitos. Para Rosa (2013 *apud* SKLIAR, 1998, p.8), "As crianças surdas devem crescer bilíngues [...] A aquisição da língua de sinais garante ao surdo o desenvolvimento linguístico e, além disso, permite o desenvolvimento cognitivo, sócio afetivo-emocional e o desenvolvimento da identidade e da cultura surda". A proposta de educação bilíngue de surdos, segundo Moura e Vieira (2011, n.p.)

> [..] permite que o Surdo possa existir na diferença. Com uma língua visual que atende suas necessidades, ele deixa de ser deficiente em relação aos aspectos e às limitações ocasionadas pela falta de uma língua compartilhada. A Língua de Sinais possibilita que ele estabeleça relações de pensamento equivalentes, no que tange a abrangência e a complexidade. O aprendizado da Língua Portuguesa pode ser, de fato, contemplado nessa abordagem que não se utiliza do auditivo, mas do visual.

Essa nova perspectiva educacional não mede esforços para evitar que o surdo seja uma marionete nas mãos de uma educação que visa apenas resultados quantitativos e não a formação de cidadãos críticos e reflexivos. Neste sentido, uma escola com profissionais qualificados é primordial para oferecer um ambiente em que o surdo possa adquirir, de fato, a Libras e a Língua Portuguesa e perceber a importância dessas línguas no seu desenvolvimento pessoal, social, acadêmico e profissional. A esse respeito, Quadros e Schmiedt (2006, p.18) afirmam que:

> As diferentes formas de proporcionar uma educação bilíngue a uma criança em uma escola dependem de decisões político-pedagógicas. Ao optar-se em oferecer uma educação bilíngue, a escola está assumindo uma política linguística em que duas línguas passarão a co-existir no espaço escolar, além disso, também será definido qual será a primeira língua e qual será a segunda língua, bem como as funções que cada língua irá representar no ambiente escolar. Pedagogicamente, a escola vai pensar em como estas línguas estarão acessíveis às crianças, além de desenvolver as demais atividades escolares.

---

[3] Comunicação Total, prega uma total liberdade na prática de quaisquer estratégias que permitam o regaste da comunicação, seja por meio de linguagem oral, de sinais, da datilologia, ou pela combinação desse modos (CICCONE, 1990)

Apesar dos avanços nas discussões acerca do tema, podemos dizer que a proposta bilíngue ainda enfrenta grandes barreiras no nível pedagógico, pois, a grande maioria das escolas não apresenta propostas dessa natureza e muito menos oferece um ambiente bilíngue adequado, pois se depara com a falta de profissionais qualificados, falta de metodologias adequadas e, principalmente, não conhece a vida familiar do surdo e a complexidade inerente à sua forma de comunicar (somente 5% dos surdos nascem de pais surdos e, portanto, irão adquirir a Libras desde os primeiros anos de vida). Disso surge a necessidade de o professor que vai se propor a ensinar os alunos surdos, se capacitar e buscar novas ferramentas de ensino, na tentativa de uma real inserção desses alunos na sociedade, partindo de uma reflexão menos fechada da aquisição de linguagem, considerando que um surdo pode, em vez de adquirir a Libras, criar uma língua e partir desta se apropriar daquela e da língua portuguesa.

Neste sentido, podemos dizer, também, que esta pesquisa foi realizada com objetivo de fazer avançar a educação bilíngue para atender as especificidades dos alunos surdos que não tem a Libras como l1. Por isso, dedicamos a próxima sessão à compreensão do fenômeno linguístico que culmina na criação de línguas de sinais por surdos que nascem em ambientes exclusivamente ouvintes.

2.2 Línguas de Sinais Emergentes

A Libras, como vimos na seção anterior, é a língua oficial da comunidade surda do Brasil, no entanto há surdos que utilizam línguas de sinais não oficiais, que têm sido denominadas de sinais caseiros por alguns autores (TEIXEIRA; CERQUEIRA, 2014) e de Língua de Sinais Emergentes (LS EMG) por Fusellier-Souza (2004). É por meio dessas línguas que grande parte dos surdos no Brasil se comunica, pois nem todos têm contato com a Libras durante a infância e, muitas vezes, nunca o terão. No entanto, quando a necessidade de comunicar se faz iminente, a criança surda, privada do contato com a língua de sinais oficial de seu país, inicia um processo de criação da linguagem (FUSELLIER-SOUZA, 2004). Assim, quando não se trata de aquisição natural, mas de uma criação gestual espontânea, "o *processo de iconicização* da experiência é implementado como uma estratégia eficaz na categorização do mundo exterior" (FUSELLIER-SOUZA, 2004). Para Teixeira e Cerqueira (2004), "O surdo consegue construir sua língua, todavia quando tem possibilidade de interagir com o ambiente e com as pessoas ao seu redor" (p.5). A necessidade de mostrar o que sentem torna as crianças surdas, nascidas em ambientes exclusivamente ouvintes, criadoras de seus próprios sinais.

No Brasil, a maioria dos surdos que não tem acesso à Libras e à uma educação bilíngue (Libras l1 e Português l2) desde as séries iniciais, diante da necessidade de se comunicar com as pessoas em sua volta, encontram na sua LS EMG o elo para alcançar a intercompreensão na interação com os ouvintes e com os surdos sinalizantes de Libras e/ou de outras LS EMG, nos mais diversos contextos. Segundo Teixeira e Cerqueira.

> [...] os estudos vêm mostrando que os sinais caseiros longe de serem algum tipo de linguagem em sentido lato – pantomima, mímica, gestos –, são, antes, produto da faculdade da linguagem, a qual permite ao homem construir seu próprio sistema linguístico. Isso significa que, mesmo com toda escassez de estímulo – considerado aqui do ponto de vista linguístico –, o surdo consegue construir sua língua, todavia quando tem possibilidade de interagir com o ambiente e com as pessoas ao seu redor. (TEIXEIRA e CERQUEIRA. 2014, p.4)

Diante dessa realidade, cabe-nos ressaltar que Skliar (1998), em seus estudos acerca da surdez, fala sobre discriminação linguística mostrando que há um discurso que define a comunidade surda como uma minoria linguística e que a língua de sinais é utilizada por um grupo restrito. Destacamos que, nessa perspectiva, os surdos sinalizantes de LS EMG são uma minoria linguística dentro da minoria linguística apontada por esse autor. Entretanto, não se pode segregá-los no processo de educação por conta da sua forma de comunicar, ao contrário, pensamos que seja necessário incluí-los por meio de sua LS EMG, em vista de levá-los à aprendizagem da Libras e do Português l2. Uma vez que, a questão de surdos sinalizantes de LS EMG é patente, na sessão que se segue, vamos refletir sobre o lugar dessas línguas de sinais na educação bilíngue para surdos.

2.3 O lugar das LS EMG na Educação Bilíngue para surdos

No dia 24 de abril de 2002, através da Lei Nº 10.436, o Governo Federal reconheceu a Libras como meio legal de comunicação e expressão oficial da comunidade surda brasileira, tornando-a língua oficial do Brasil. O Decreto N° 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamentou aquela lei, determinou em seu capítulo VI, artigo 22 que se organizasse, para a inclusão escolar de alunos surdos:

> I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;
> II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

> § 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngüe aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.
> § 2º Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação.
> § 3º As mudanças decorrentes da implementação dos incisos I e II implicam a formalização, pelos pais e pelos próprios alunos, de sua opção ou preferência pela educação sem o uso de Libras.
> § 4º O disposto no § 2º deste artigo deve ser garantido também para os alunos não usuários da Libras (BRASIL, 2005, n.p.).

Todos esses aspectos, assegurados pelo Decreto nº 5.626 de 2005, deveriam proporcionar ao aluno surdo uma educação plena em Libras e em português l2, no entanto, várias barreiras de implantação dessa política são encontradas, principalmente, na rede pública de ensino, pois se as escolas não têm conseguindo oferecer uma estrutura adequada aos alunos ouvintes, a situação se mostra ainda mais desfavorável para os surdos, que necessitam de uma adequação estrutural e profissional especializada.

Neste sentido, ressaltamos, também, que no afã de incluir os surdos (ou simplificar esse processo), e proporcionar-lhes uma educação bilíngue e/ou de cumprir a legislação, as políticas de inclusão instituíram a presença dos Tradutores/Intérpretes de Libras (TILS) nas escolas como meio de garantir um ambiente bilíngue para esses alunos. Ressaltamos que a presença desses profissionais é de suma importância para o desenvolvimento de uma proposta bilíngue, entretanto, entendemos que não é a sua presença nas salas de aula, tão somente, que tornará bilíngue esse ambiente, mas a presença de professores bilíngues que estejam aptos à ensinar qualquer disciplina para os surdos tendo a Libras e o Português como línguas de instrução, bem como, a presença de outros profissionais fluentes em Libras atuando nos diversos setores da escola, para que essa língua possa sair da sala de aula e circular por todos os espaços.

Destacamos, ainda, que a grande maioria dos surdos chega às escolas sem dominar a Libras, tendo uma LS EMG como l1 utilizada para a comunicação. Uma vez não encontrando um ambiente favorável à apropriação da Libras desde as séries iniciais, esses surdos continuam utilizando suas LS EMG fora e dentro do ambiente escolar. Nesses casos, temos observado que as LS EMG tendem a ser valorizadas pelos professores, que não dominam a Libras, como mediadoras no processo socioeducacional desses alunos, bem como, um meio de garantir e manter a comunicação durante todo o processo. Há, também, casos em que os surdos começam a aprender a Libras na escola, mas em casa continuam se

comunicando com a LS EMG criada por eles. Adriano (2010, p.12), mostra que "é comum em alguns casos a permanência do uso dos sinais caseiros por parte dos pais dos surdos, mesmo depois de estabelecerem contato com a língua de sinal oficial, por questões de aceitação ou de dificuldades de assimilação".

Por fim, pensamos que usar as LS EMG desses alunos surdos como uma ferramenta de ensino, para mediar a apropriação da Libras e do Português l2, pode melhorar a aprendizagem desses alunos. Por isso, acreditamos que a proposta bilíngue pode se beneficiar das línguas de sinais que os alunos surdos trazem consigo para dentro das salas de aula. As LS EMG não deveriam, portanto, ser descartadas desse processo, já que elas podem atuar como mediadoras na aprendizagem daquelas línguas.

3 METODOLOGIA

Participantes da pesquisa:

Nome	Idade	Formação	Parentesco
Nayra Paixão	20	Ensino médio	Pessoa Surda (PS)
Nazaré Costa	50	Pedagoga	Mãe e Professora do 2º ao 3º ano do Ensino Fundamental (P¹)
Juvenal Paixão	36	Professor Licenciado em Matemática	Irmão e Professor do 4º ao 5º ano do Ensino Fundamental (P²)

A presente pesquisa se caracterizou como um estudo de caso, realizado com uma participante surda que não teve a Libras como primeira língua. Segundo Ventura (2007, p.384), por meio desse tipo de pesquisa "se supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso". O estudo de caso se enquadra na abordagem qualitativa, que "Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social" (VIEIRA E SILVA, 2010 apud MAANEN, 1979, p.520).

Nosso objetivo foi investigar como se deu o processo educacional de uma pessoa surda que não teve a Libras como primeira língua, baseado nas perspectivas da educação bilíngue e do direito da inclusão dos alunos surdos no sistema regular de ensino. Em vista disso, o primeiro passo deste estudo foi identificar todos os envolvidos nesse processo. Para tanto, utilizamos os seguintes procedimentos: (1) observação ao longo do percurso escolar da participante, compreendido entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio; e (2) entrevistas com a participante, com seus professores e com seus familiares, levando sempre em

consideração sua adaptação em um ambiente ouvinte dentro de casa e, principalmente, na escola e acerca do uso da Língua de Sinais Emergentes para uso de comunicação e aprendizado escolar.

A observação foi utilizada para podermos conhecer e compreender as pessoas envolvidas nesse estudo. Segundo Ludwig (2009, p.64), a observação "é uma técnica de estudo muito importante que permite captar a perspectiva dos sujeitos investigados, ou seja, seu modo de pensar e sentir, seus valores, sua visão de mundo, etc." Após a observação, iniciamos as entrevistas em forma de questionários e foram realizadas com a participante surda deste estudo e dois dos seus professores. Por meio das entrevistas foi possível coletarmos dados mais específicos sobre os instrumentos utilizados no processo socioeducacional de nossa participante surda, considerando que ela não dominava a Libras e precisava aprender a Língua Portuguesa e dominar os assuntos advindos da demais áreas de conhecimento. Ressaltamos que os dois professores selecionados para as entrevistas, foram professores da participante surda deste estudo no período compreendido entre os 2º e 5º ano (após a observação, julgamos ter sido essa a fase em que a participante surda obteve seus melhores resultados).

Os dados coletados com as observações e entrevistas serviram para verificarmos a evolução de comunicação após o contato com a língua de sinais da pessoa Surda participantes da pesquisa; ao mesmo tempo analisar o círculo de convivência do surdo dentro da sociedade; e apresentar o processo de escolarização da participante surda deste estudo, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Nesse tópico abordamos sobre a história de vida da participante de nossa pesquisa, bem com seu processo educacional e os participantes da pesquisa.

4.1 Breve relato da história de vida

Neste estudo, a participante, que chamaremos de PS, é surda e nasceu em uma família de ouvintes. Nos primeiros anos de vida, PS não apresentava déficit auditivo aparente. Aos dois anos de idade, ela falava algumas palavras que uma criança ouvinte falaria naquela fase, como: "papai", "mamãe". Porém, com o passar do tempo, seu déficit auditivo começou a ser percebido por sua mãe. Daí em diante começou o processo de aceitação pelos pais e irmãos, a família permaneceu unida e aceitou a condição de PS.

Aos seis anos, PS obteve o diagnóstico de surdez bilateral profunda. Foi também nessa idade que PS teve sua primeira consulta médica com um especialista da área, um fonoaudiólogo, e iniciou o processo para o uso de seu primeiro aparelho auditivo. Destacamos que foi nessa mesma consulta que ela teve o primeiro contato com a Libras, pois o fonoaudiólogo apresentou-lhe um livro contendo vários sinais nessa língua, sinais básicos como: "bom dia", "oi", "boa tarde", sinais referentes à família, objetos e principalmente o alfabeto datilológico[4]. Entretanto, esse primeiro contato com a Libras se encerrou no consultório do fonoaudiólogo, haja vista que ninguém de sua família conhecia aquela língua. Apesar disso, aquele momento foi muito importante para PS, pois ela aprendeu o alfabeto manual da Libras, o que a ajudou muito no processo educacional em casa, uma vez que, até então, PS só conhecia o alfabeto da língua portuguesa e a LS EMG não dispunha desse recurso.

Após o acompanhamento médico, PS começou a usar o aparelho auditivo e passou a ter acompanhamento mensal com um fonoaudiólogo para desenvolver a fala. Iniciou-se aí um processo de oralização e PS conseguiu desenvolver a fala para pequenas palavras, o som era produzido de forma mais clara e a pronúncia de algumas palavras também melhorou. O desenvolvimento da fala de PS ajudou bastante no processo de comunicação em casa, mas ela continuou se comunicando com a família por meio de sua LS EMG. Na escola, a fala não era utilizada, nem estimulada pelos professores.

O contato com a Libras, de fato, só aconteceu quando PS tinha 10 anos. Isso se deu, em 2006, durante uma jornada pedagógica, no município de Santarém Novo, cujo tema era "Inclusão de pessoas com necessidades especiais". Nesse evento, participava um surdo professor de Libras, que a batizou com um sinal[5].

Após um longo período sem acompanhamento médico, PS voltou a fazer novos exames junto à um fonoaudiólogo e, consequentemente, iniciou um novo processo para adquirir seu segundo aparelho auditivo. Aos quatorze anos de idade, ela passou mais uma vez por esse processo. Ressaltamos que as tentativas recorrentes de uso do aparelho auditivo não obtiveram êxito (PS mostrava-se incomodada com os sons que o aparelho captava). Nesse mesmo período, PS voltou a ter acompanhamento com um fonoaudiólogo e,

[4] Na língua de sinais é um sistema de representação, que simboliza iconicamente as letras do alfabeto das línguas orais escritas por meio dos movimentos das mãos.
[5] Na cultura surda, o sinal de batismo é utilizado pelos surdos para identificar uma pessoa surda ou ouvinte. Este sinal evita a necessidade de soletrar por meio do alfabeto datilológico o nome de uma pessoa, a cada vez que se queira fazer referência a ela.

consequentemente, ter sessões de terapias da fala. Os resultados foram satisfatórios, pois com a idade de 14 anos ela já havia adquirido muito mais conhecimento e palavras novas, o que facilitou o aprimoramento da pronúncia de algumas delas. Essas sessões aconteceram durante 6 meses e, em seguida, tiveram que ser interrompidas, dado o afastamento do fonoaudiólogo da clínica em que PS era atendida.

Hoje, aos 20 anos de idade, PS relata que não sente mais vontade de fazer esse tipo de acompanhamento, pois é cansativo e não foi tão satisfatório, já que PS achava que, por meio dele, ela voltaria a ouvir e falar normalmente, o que de fato não aconteceu.

4.2 Processo Educacional

A mãe de PS era professora e o pai ex-professor, por isso, ela sempre teve o estímulo para aprender a ler e escrever antes de iniciar na educação formal. Em casa, ela tinha seu material escolar, e contava com a ajuda de todos no processo de aprendizagem antes de entrar na escola. Dessa forma, aos cinco anos de idade, quando PS ingressou na educação infantil, ela já fazia tarefas simples, como cobrir letras e desenhar alguns objetos, atividades comuns no 1º ano do Ensino Fundamental.

Aos sete anos de idade, PS passou para o 2ª ano. Nesse período, a mãe de OS, (doravante P¹), começou a perceber que PS estava com dificuldade de avançar na escola. Destacamos que a mãe de PS, trabalhava com as turmas de 6º à 9º anos, na mesma escola em que PS estudava o 2º ano. Diante do quadro de dificuldade da filha, a mãe de PS convocou a direção escolar e juntas resolveram simplificar mais sua educação. Para isso, a direção decidiu que a mãe de PS deixaria de trabalhar com as turmas de 6º a 9º anos, para assumir a turma de 2º ao 5º anos. Isso significa que a mãe de PS tomou para si o desafio de educar sua filha surda durante os anos inicias do Ensino Fundamental e, portanto, passou a ser a professora de PS.

Quando P¹ começou a ensinar na sala de PS, ela percebeu as dificuldades que esta aluna tinha acerca dos significados das palavras. Então, P¹ buscou práticas pedagógicas sustentadas no uso de figuras e imagens para ilustrar os objetos, usando sempre a LS EMG criada por PS como língua mediadora para ensinar-lhe a Língua Portuguesa. P¹ relatou que, uma vez que ela não sabia Libras, ela apenas relacionava figuras com palavras na escrita do português, e assim a PS conseguia distinguir as figuras e as relacionava com as palavras correspondentes. Dessa forma, PS começou a ampliar seu léxico e a desenvolver a escrita. Nesse período foi possível perceber seu avanço na aprendizagem da leitura e da escrita. No final do 2º ano do Ensino Fundamental, P¹ resolveu deixar PS repetir de ano, pois percebeu

que ela ainda não tinha como avançar para o 3º ano (P¹ julgava que o aprendizado PS estava muito abaixo dos demais alunos).

Quando PS passou para o 4º ano, P¹ deixou de ser sua professora. Neste ano e no 5º, o professor de PS passou a ser um de seus irmãos (doravante P²), que era professor e trabalhava na mesma escola em que PS estudava. Foi com P² que PS começou a ter contato com a Libras dentro do ambiente escolar, pois ele sempre buscou aprender mais essa língua e tentou envolvê-la na sua metodologia, ainda que ele utilizasse a LS EMG de PS como língua mediadora durante suas aulas. Nesse período PS começou a aprender mais sinais da Libras, pois P² buscou livros e materiais sobre essa língua para que PS pudesse aprendê-la. O uso da datilologia era um dos recursos mais utilizados por PS, sempre que ela não conseguia compreender um sinal ela usava o alfabeto manual no lugar dele. Ressaltamos que P² nunca fez um curso de Libras, mas o fato de ele ter uma aluna surda em sua sala de aula, fez com que ele buscasse novos métodos de ensino, pesquisasse e conhecesse mais essa língua, com o intuito de estimular PS a desenvolver a comunicação e uma possível convivência com outros surdos usuários da Libras.

A partir do 6º ano em diante, surgiu uma nova dificuldade, pois PS deixaria de ter um único professor para todas as disciplinas, como nas séries iniciais, e passaria a ter contato com vários professores, cada um responsável por uma disciplina. Mesmo assim PS foi matriculada e continuou seus estudos. Na escola ela sempre teve atenção especial dos novos professores, pois todos tinham um carinho muito grande por ela, já que ela sempre foi uma aluna muito interessada pelos estudos. Nesse período os professores demostraram dificuldades em compreendê-la, pois tiveram tido contato com alunos surdos antes e, também, não dominavam a Libras, tampouco a LS EMG de PS. Porém, os colegas de sala que conviviam com PS desde as séries iniciais, já conheciam a LS EMG dela e serviam de intérpretes para os professores, apesar disso, na maior parte do tempo, PS preferia sempre ficar quieta e pouco manifestar em sala de aula.

Ressaltamos que, a partir do 6º anos, os professores não faziam quaisquer adaptações de suas metodologias ou flexibilização curricular, as ferramentas eram as mesmas usadas com os alunos ouvintes. A produção textual, nesse período, por exemplo, foi muito cobrada pela professora de português. De certa forma, essa cobrança foi até positiva, pois PS desenvolveu de forma significativa a escrita e a leitura de novas palavras, passou a desenvolver melhor a comunicação usando o Português. No entanto, a professora não levava em consideração sua condição de surdez, já que na correção dos textos, notávamos que os

critérios avaliativos de maior peso eram aqueles relacionados à ortografia. Destacamos que PS tinha dificuldade na distinção do uso de letras com sons parecidos como, por exemplo, o uso das letras “n”, “m”, “p”, “b” e “d”. Então muitas vezes, seus irmãos a auxiliavam na escrita, apenas corrigindo as palavras escritas de forma equivocada e auxiliando na leitura de textos para que ela pudesse conhecer outras palavras e assim produzir um texto de acordo com o tema e os critérios propostos pela professora. Até o final do Ensino Fundamental, as metodologias usadas nos anos iniciais, foram perdidas, pois os professores não buscaram adaptar suas metodologias de ensino como foi feito pelos professores P¹ e P². Assim PS foi tratada de maneira igual aos outros alunos, sua surdez não foi levada em conta durante todo o processo.

No Ensino Médio, não foi diferente. Alguns professores haviam tido um contato básico com a Libras, mas não o suficiente para usá-la como língua de instrução. No início, PS sentiu-se desanimada para prosseguir os estudos, pois os professores não dominavam a Libras, nem sua LS EMG e, tampouco adaptavam sua metodologia para atender as especificidades de um aluno surdo. Outro fator determinante para sua falta de motivação foi a mudança de alguns colegas, que a acompanhavam desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, para outra turma. Diante da desmotivação de PS, sua mãe procurou a escola para informar sobre o assunto e pediu mais atenção para PS, dessa forma, o diretor da escola resolveu mudá-la de turma e colocá-la, de novo, junto aos seus colegas.

Alguns professores usavam o método da leitura labial, pediam que ela sentasse mais à frente da turma, para poder fazer a leitura labial, o que não tinha muito sucesso, pois os professores falavam rápido demais, isso não ajudava. Outros usavam estratégias de ensino pouco convencionais. A professora de química, por exemplo, permitia que, durante as provas, PS consultasse o livro didático para responder as questões. Os professores de física e matemáticas acrescentavam fórmulas e um exemplo de questão já resolvida nas provas PS para “auxiliá-la” na resolução das outras questões.

Ressaltamos que, durante todo esse processo do Ensino Infantil ao Ensino Médio, a comunicação com PS deu-se no uso de sua LS EMG como língua mediadora, tanto no ambiente escolar (junto aos colegas de classe e por intermédio deles) como no ambiente familiar e social, pois na época não havia salas especiais ou de Atendimento Educacional Especializado que pudessem proporcionar uma educação especializada.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir de nossas observações, podemos afirmar que foi durante os anos iniciais do Ensino Fundamental que PS obteve mais êxito em seu processo educacional, foi quando ela aprendeu a ler e a escrever. Acreditamos que isso tenha sido possível porque, nesse período, ela teve acesso a um ensino que tomava sua língua de sinais como língua de instrução, haja vista que P¹ e P², faziam uso da LS EMG de PS, para mediar o ensino em sala de aula. Isso significa que do 1º ao 5º ano, PS foi educada em uma perspectiva bilíngue, já que seus professores partiam de sua língua materna para a aprendizagem do Português l2. A única diferença nesse processo, em relação à proposta bilíngue vigente no Brasil (Libras l1/Português l2), residia no fato de a língua de sinais de PS não ser a Libras, mas uma LS EMG criada por ela. Uma vez que P¹ e P² dominavam a LS EMG de PS, fizeram dela um alicerce para alcançar os principais objetivos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Na *seção 2.1*, vimos que Quadros (1997) afirma que "o bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõe a tornar acessível à criança as duas línguas no contexto escolar". O que seria ideal, no entanto, essa realidade fica muito distante das salas de aulas da rede pública de ensino quando os professores não dominam a Libras. Porém, cabe ressaltar, que o sucesso que P¹ e P² obtiveram no ensino da PS, não está relacionado somente com o fato de estes professores dominarem a língua de sinais criada por PS, mas, também e, principalmente, pelo fato de eles conhecerem a realidade social dela. Isso facilitou a escolha dos métodos mais adequados para o processo educacional de PS, naquele período.

Percebemos que muitos surdos podem evadir das escolas, como quase aconteceu com PS no início do Ensino Médio, por causa da dificuldade de comunicar-se com as demais pessoas. Muitas das vezes, também, as escolas não buscam meios para atrair esse aluno e fazer com que ele permaneça nela. Neste estudo, notamos, ainda, que o aluno surdo pode abandonar a escola por falta de estímulos por parte da escola e que a família pode desempenhar um papel muito importante nesse momento, acompanhando seu processo de educação, conversando com os professores, esclarecendo as especificidades da pessoa surda e exigindo metodologias adaptadas para os surdos. A participação da família é fundamental. PS, por exemplo, teve sucesso na aprendizagem da leitura e da escrita, também, porque, desde criança, foi sempre motivada pela família a estudar. O resultado disso foi que ao entrar na escola para cursar o 1º ano do Ensino Fundamental, ela já sabia ler e escrever palavras simples.

PS teve e tem dificuldade de manter um convívio social porque não entende tudo o que as pessoas ouvintes falam, ela acha que falta comunicação. O convívio social da PS se restringe aos familiares e aos colegas surdos. Na escola, ela também manteve um convívio social restrito, interagia apenas com os colegas de classe que a acompanharam desde o Ensino Fundamental. Percebemos que PS, é obvio, só interage com quem consegue entendê-la, em outras palavras, com quem domina sua LS EMG ou com quem ela consegue manter um bom nível de intercompreensão nessa língua. Por isso, segundo PS, seu grande auge no aprendizado foi nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois P^1 e P^2 sempre buscavam métodos novos de ensino e, como sabiam pouco a Libras, respeitavam sua língua de sinais, o que facilitou bastante a comunicação entre professor e aluno.

Outro ponto interessante a destacar diz respeito ao fato de P^1 e P^2 terem conseguido repassar um pouco da cultura surda aos alunos ouvintes, que ao longo da convivência escolar com PS, puderam estreitar a relação comunicacional e assim aprenderam um pouco de sua LS EMG e alguns sinais dos poucos que ela sabia em Libras. Percebemos, ainda, que quando PS se comunica, ela faz uso dos sinais caseiros, misturados com os sinais da Libras, pois na comunicação em casa e na rua ela ainda mantém sua LS EMG, pois nem todos conhecem a Libras. Segundo PS, o recurso aos sinais das duas línguas facilita a comunicação e torna-a mais fácil.

A partir de nossa compreensão sobre as LS EMG, a Libras e a Educação Bilíngue, juntamente com as observações realizadas neste estudo, podemos dizer que existem resultados plausíveis de educação de surdos sem que haja o conhecimento pleno da Libras. Na maioria das escolas do Brasil, existem alunos surdos e professores que não têm contato com essa língua, mas que conseguem desenvolver a comunicação e manter um bom nível de intercompreensão. Não queremos com isso dizer que essa seja uma situação ideal, pois acreditamos que o ensino bilíngue de surdos, deva acontecer, prioritariamente, tendo a Libras como língua de instrução. Além disso, a Libras é a língua de sinais oficial no Brasil e dominá-la é fundamental para os surdos, pois será por meio desta que aqueles terão maiores possibilidades de acessibilidade em diferentes contextos. No entanto, é necessário ampliarmos nossa compreensão acerca da educação bilíngue de surdos e pensar estratégias para os surdos que não fazem parte da condição ideal de ter a Libras como l1, aqueles que, por uma razão ou outra, não tiveram acesso à Libras desde os primeiros anos de vida. Eles também têm direito a educação na língua deles. Eles também merecem ter sua cultura e identidade preservadas, e como a língua é parte delas, esta também merece ser resguardada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Língua Emergente dela, era uma abordagem educacional que ajudava a utilização de todos os tipos possíveis de estratégias no processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos surdos. Com o objetivo de fornecer ao surdo a possibilidade de desenvolver uma comunicação com seus familiares, professores e colegas. Diante das diferentes abordagens de educação de surdos, bem como as diferentes línguas e métodos utilizados neste trabalho, é possível concluir que cada qual possui seus prós e contras. No entanto todos foram de uma forma mais ampla, necessários e contribuíram bastante para o aprendizado e principalmente na comunicação da pessoa surda. Em relação dos professores entrevistados, P¹ e P², foram de uma forma mais concreta a base para a aluna surda ter tido sucesso em seu aprendizado, apesar de os dois não conhecerem de forma profunda a Libras, os dois mostraram domínio em buscar métodos diferenciados para ensinar uma pessoa surda. No entanto, a grande maioria dos professores continuam ministrando suas aulas em uma perspectiva tradicional, ou seja, não existe uma mudança didático-metodológica para atender as necessidades pedagógicas destes alunos surdos.

A proposta de educação bilíngue para surdos é fundamental para seu processo de desenvolvimento e inclusão na sociedade. As escolas deveriam desempenhar papel fundamental nesse processo, e caberia a elas oferecer um ambiente bilíngue, de fato, com professores fluentes em Libras, com formação especializada para o ensino do Português l2, TILS e demais funcionários com, pelo menos, o conhecimento básico da Libras. No entanto, neste estudo, vimos que a realidade de muitas escolas brasileiras está muito distante disso.

Como vimos, a participante surda deste estudo teve acesso a um ambiente bilíngue, onde a língua mediadora foi uma LS EMG criada por ela, e que serviu de base para a aquisição da Libras e do Português l2 de forma mais eficaz. Diante disso, podemos concluir que as propostas de inclusão e de educação bilíngue para surdos, ainda necessitam de muita reflexão para, de fato, conseguirem atender as reais necessidades desses alunos.

Diante disso, entende-se que os processos de inclusão, os processos educacionais, ainda trilham por passos largos, pois ainda é uma proposta nova para a grande maioria dos professores. A importância de políticas públicas de incentivo aos professores para buscar aperfeiçoamento na área da surdez, seria uma grande conquista para a comunidade surda, o que já seria uma grande conquista para a proposta bilíngue

REFERÊNCIAS

FUSELLIER-SOUZA, Ivani. **Processos De Criação E De Estabilização Lexical Em Línguas De Sinais (Ls) Dentro De Uma Abordagem Semiogenética.** Université Paris 8 – UMR/CNRS 7023. 2004.

SANTOS, Suzana Sanches. **O Bilinguismo como proposta Inclusiva para Surdos no processo inicial de escolarização.** Faculdade Cearense, Curso de Pedagogia, Fortaleza, CE. 2013.

QUADROS, Ronice Muller de. **Aquisição da Linguagem**: Bilinguismo. Disponível em: <http://penta2.ufrgs.br/edu/telelab/edusurdos/linguage.htm#bilinguismo>. Acesso em 22 de novembro de 2015.

GOLDFELD, M. ***A criança surda***: Linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

CICCONE, M. **Comunicação Total**. Rio de Janeiro. Cultura Médica, 1990.

ROSA, Daniele Gomes da. **Educação E Surdez** – Em Defesa Da Língua De Sinais Para A Inclusão Social Dos Surdos. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2013.

MOURA, Débora Rodrigues e VIEIRA, Claudia Regina. A atual proposta Bilíngue para Educação de Surdos em prol de uma Educação Inclusiva. Revista Pandora Brasil - Nº 28 - Março de 2011-ISSN 2175-3318 - "Educação no início do século XXI"

QUADROS, Ronice Müller e SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos** /. – Brasília: MEC, SEESP, 2006.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis e CERQUEIRA, Ivanete de Freitas. Sinais caseiros: ponto de partida para o letramento de crianças surdas e **consequente aquisição de Libras e português escrito como L2.** Disponível em: < http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/11/535.pdf >. Acesso em 21 de Março de 2017.

SKLIAR, Carlos (org). A surdez. Um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. TIBA, Icami. Quem ama educa! São Paulo: Gente, 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Capítulo VI - Da garantia do direito à Educação das Pessoas Surdas ou com deficiência auditiva.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 09 de março de 2017.

ADRIANO, Nayara de Almeida. **Sinais caseiros: uma exploração de aspectos linguísticos.** Universidade Federal de Santa Catarina**,** Florianópolis 2010.

VENTURA, Magda. **O Estudo De Caso Como Modalidade De Pesquisa.** Revista SOCERJ. Rio de Janeiro, RJ. 2007.

VIERIA, S, da Silva e SILVA, S. Severino. **O Olhar Dos Alunos** - Detentos da Penitenciária Professor Barreto Campelo Sobre a Escola. Faculdade do SENAC. Itamaracá, PE. 2010.

LUWDIG, Antônio. **Fundamentos e Prática de Metodologia Científica**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 2009.